

RESENHAS

Uma investigação sobre os princípios da moral, de David Hume, tradução de José Oscar de Almeida Marques. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1995. 223p.

Tornar um tão rico texto acessível àqueles que não dominam a língua inglesa é o difícil papel da tradução e esta tarefa exige do tradutor não só o domínio das línguas envolvidas (inglês e português), como também um amplo conhecimento dos assuntos filosóficos. Ciente do peso de sua responsabilidade, José Oscar de Almeida Marques consegue levar o leitor até o texto humeano sem comprometer nem a qualidade literária da obra, nem a compreensão das idéias do autor.

Temos, em *Uma investigação sobre os princípios da moral*, uma tradução praticamente *ipsis literis* que, nas palavras do próprio tradutor, “evita, contudo, uma literalidade ingênua”. Em seu prefácio, elaborado de maneira concisa, o tradutor traz ao leitor algu-

mas informações sobre a obra e sobre as modificações na pontuação, feitas para refletir as “modernas convenções”, que diferem daquelas usadas no século XVIII.

Por ser um texto direcionado a um público intelectual, escrito numa época em que certamente seu leitor conhecia, ao menos um pouco, as línguas grega e latina, encontramos no texto de Hume várias notas de rodapé com citações de outros filósofos, originariamente escritos em latim ou grego, sem tradução para o inglês. Na tradução para o português, o esforço do tradutor em manter-se “fiel” ao original não o tornou insensível a esta questão. José Oscar oferece ao leitor brasileiro duas opções: as citações originais e as suas respectivas traduções. Ainda adiciona algumas notas para transmitir informações sobre fatos ou personagens históricos que hoje em dia não são tão conhecidos como na época de Hume.

Via de regra, o leitor de tradução é aquele que não tem acesso ao texto original e a quem muitas vezes o caráter de texto estrangeiro é negado. Contrariamente a esta posição de domesticação, a tradução alvo desta resenha coloca o leitor frente à cultura que não lhe é familiar. Tomando o pensamento de Schleiermacher como fio condutor, notamos que José Oscar “deixa o autor em paz” e transporta o leitor até a cultura estrangeira:

Mas estou esquecendo de que não é aqui minha tarefa elogiar a generosidade e a benevolência, ou pintar com suas verdadeiras cores todos os genuínos encantos das virtudes sociais. (p. 29)

But I forget, that it is not my present business to recommend generosity and benevolence, or to paint, in their true colours, all the genuine charms of the social virtues. (p. 177)

Na tradução, o que deixa transparecer a imagem do texto primeiro é a expressão *pintar com suas verdadeiras cores – to paint, in their true colours*, no original – que não usamos na língua portuguesa, sendo as vantagens desta estrangeirização o acréscimo lingüístico-cultural na língua alvo e a preservação das características do autor, além do despertar da consciência do leitor para a existência do tradutor.

Vista como um todo, a tradução da obra em questão não deixa nada a desejar em relação ao original. Porém, a literalidade que confere à tradução as mesmas características do texto de Hume é, também, a responsável pelas falhas cometidas pelo tradutor. Refiro-me a falhas que em nada diminuem nem o mérito do tradutor, nem a compreensão daquele que lê o texto apenas em português. Menciono, aqui, apenas a que penso ser a mais perceptível: a tradução errada de *affection* por *afecção*, em diversos momentos do texto. Em um destes momentos, temos:

É tarefa da poesia trazer cada afecção para perto de nós por meio de uma vívida fantasia e representação (...). (p. 88)

It is the business of poetry to bring every affection near to us by lively imagery and representation, (...). (p. 222)

É interessante observar que em outros trechos do texto José Oscar utiliza *afeição* ou *afeições* como tradução pra *affection* ou *affections*:

Dada a presente disposição do coração humano, será talvez difícil encontrar exemplos cabais de afeições tão engrandecidas, (...). (p. 38)

In the present disposition of the human heart, it would, perhaps, be difficult to find complete instances

of such enlarged affections; (...). (p. 185)

Quando há dúvidas em relação à tradução de um termo, e até mesmo por curiosidade, muitas vezes os tradutores consultam traduções de outras obras, e também outras traduções da mesma obra, de um mesmo autor para saber como tal termo fora exposto anteriormente. Talvez este procedimento não tenha sido adotado por José Oscar ou talvez ele não tivesse acesso a outras traduções do texto de Hume. Em uma nota de rodapé introduzida à tradução de *Investigação sobre o entendimento humano*, obra de Hume traduzida por Artur Morão², em 1989, o tradutor faz uma notificação acerca de suas opções de escolha na tradução da palavra *affections*:

O termo *affections* foi, na presente tradução, vertido umas vezes por “afeições”, outras por “estados de espírito”, “disposições de ânimo”. O sentido do vocábulo em Hume não coincide com o da *affectio* escolástica (e, por vezes, também da *affection* cartesiana), que se referia à acção do objecto sobre os sentidos. (N. do T.) (p. 13)

Finalizando estes comentários, devo acrescentar que não existem traduções certas ou erradas. O que temos são traduções mais apropriadas ou não a um certo público e dependentes de um dado contexto, cujos tradutores optam pela estratégia de tradução mais adequada ao processo a ser realizado. Qualquer que seja a estratégia dotada pelo tradutor, seu trabalho estará sempre sujeito a falhas, que, como nesse caso, devido a competência do profissional, acabam submersas pela boa qualidade da tradução como um todo.

Wanessa Gonçalves Silva
PGET/UFSC

NOTAS

- 1 A reflexão acerca da teoria de Eugene Nida foi extraída a partir do trabalho de Rosemary Arrojo em *Oficina de tradução: a teoria na prática*.
- 2 Professor da Seção de Lisboa da Faculdade de Filosofia da Universidade Católica Portuguesa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Arrojo, R. (1997) *Oficina de tradução: a teoria na prática*. São Paulo: Ática.
- Berman, A. *A tradução e a letra ou o albergue ao longe*. Trad. Marie Hélène Catherine Torres & Walter Carlos Costa. Inédito.
- Hume, D. (1989) *Enquiries concerning human understanding and concerning the principles of moral*. Edited by L.A. Selby-Bigge with text revised and notes by P.H. Nidditch. 3^a ed. Oxford: Clarendon Press.
- _____. (1998) *An enquiry concerning the principles of moral*. Edited by Tom L. Beauchamp. New York: Oxford University Press.
- _____. (1995) *Uma investigação sobre os princípios da moral*. Trad. José Oscar de Almeida Marques. Campinas, SP: Editora da UNICAMP.
- _____. *Investigação sobre o entendimento humano*. Trad. Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1989.
- Schleiermacher, F. "Sobre diferentes métodos de tradução." In: Heidermann, W. (org.) (2001) *Clássicos da teoria de tradução*.

Florianópolis: UFSC, Núcleo de tradução.

Contemporary Translation Theories: 2nd revised edition, by Edwin Gentzler. Clevedon: Multilingual Matters, 2001. 230 pp.

The second revised edition of *Contemporary Translation Theories*, by Edwin Gentzler, presents the same structure as its first edition, that is, seven chapters divided into different sections providing a historical overview and discussing some of the most prominent approaches over the last decades. Why writing a second revised edition then?

Its first edition raised much controversy as to the choice of approaches, as Larose puts it:

Sont donc exclus tous les travaux des traductologues français (de Mounin à Berman, en passant par Ladmiral) et canadiens d'expression française ou anglaise. On s'étonne que Steiner, Newmark, de Beaugrande et Pym, auteurs non négligeables dans le domaine de la traductologie contemporaine, soient absents de *Contemporary Theories of Translation*. L'auteur écarte aussi les études d'inspiration linguistique (Hatim et Mason, Bell, Nord, etc.) ou à vocation empirique (Klings, Lörcher, Tirkkonen-Condit, Dancette, Séguinot, etc.) (Larose, 1996 : 164).

Gentzler responded to those criticisms on the preface to the revised edition where he states that, '[t]his book, how-